

O BEM-ESTAR EM HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL PARA UM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

The Well-Being in Housing of Social Interest for Sustainable Development

**Geovanna Moreira de Araújo, mestranda, UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA.**

E-mail: igeovannaraujo@gmail.com.

Simone Barbosa Villa, PHd, UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA.

E-mail: simonevilla@ufu.br

Resumo

A busca pelo bem-estar é uma preocupação presente nas discussões sobre o desenvolvimento sustentável desenvolvidas pela Organização das Nações Unidas e líderes políticos do mundo inteiro, onde entende-se que o acesso a habitação de qualidade, saúde e educação são direitos e necessidades mínimas da população. Desta forma o presente trabalho analisa, a partir do método de avaliação pós-ocupação, usando como parâmetro o Five Ways to Well-being o bem-estar dos usuários nas unidades habitacional entregues pelo Programa Minha Casa Minha Vida do governo federal. A partir da análise dos dados coletados em um conjunto habitacional, na cidade de Uberlândia-MG, nota-se que o ambiente construído não contribui para o bem-estar dos moradores. Além do modo como são implantados longe dos centros urbanos em áreas carentes de infraestrutura, gerarem especulação imobiliária e gastos desnecessários por parte dos empreendimentos contrariando desta forma a busca pelo desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave: Bem-estar; Avaliação Pós-Ocupação; Habitação de Interesse Social; Sustentabilidade; Desenvolvimento Sustentável.

Abstract

The pursuit of well-being is a concern in the discussions on sustainable development developed by the United Nations and political leaders from around the world, where it is understood that access to quality, health and education housing is Minimum population rights and needs. Thus, the present study analyzes, based on the post-occupation evaluation method, using the Five Ways to well-being the welfare of users in the housing units delivered by the program my home my life of the federal government. From the analysis of the data collected in a housing complex, in the city of Uberlândia-MG, it is noted that the built environment does not contribute to the welfare of the residents. In addition to the way they are implanted away from urban centers in areas lacking infrastructure, they generate real estate speculation and unnecessary spending on the part of the ventures, thus contradicting the pursuit of sustainable development.

Keywords: Well-Being; Pos-Occupation evaluation, Housing of social interest; Sustainability; Sustainable Development.

1. Introdução

O presente trabalho deriva de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia, intitulada “Resiliência e Bem-Estar no ambiente construído em Habitação de Interesse Social: avaliação e análise”. Insere-se ainda no escopo de pesquisa institucional sob o título “[BER_HOME] Assessing The Built Environment Resilience in Brazilian Social Housing”.

A presente pesquisa investiga as formas em que o ambiente construído em Habitação de Interesse Social (HIS) pode interferir e promover a sensação de bem-estar dos moradores. Para tanto, são utilizados instrumentos de Avaliação Pós-Ocupação (APO) para observar os comportamentos, sentimentos, expectativas e aspirações dos moradores, afim de entender o bem-estar gerado nos ambientes construído em HIS. Para isso, utiliza-se como parâmetro o Five Ways to Well-Being (5W) – Cinco Caminhos para o Bem-Estar – que consiste em comportamentos desenvolvidos pelos indivíduos de modo a gerarem maior bem-estar (AKED et al 2008).

A precariedade das unidades habitacionais torna-se notáveis no programa de habitação do governo federal: Minha Casa Minha Vida (MCMV), implantado em 2009. No qual, tais unidades tornaram-se foco de pesquisas afim de buscarem melhorias nas moradias entregues pelo governo. Várias destas pesquisas têm demonstrado que as unidades atendem de forma precárias as amplas e variadas necessidades básicas dos usuários (AMORE et al, 2015; ANGÉLI E HEHL, 2014; ORNSTEIN et al, 2013), ocasionando uma negativa noção de bem-estar.

2. O bem-estar e o Desenvolvimento Sustentável

O bem-estar da população é uma preocupação global, uma vez que, conferências sobre o meio ambiente de desenvolvimento são desenvolvidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) visando discutir como garantir às gerações futuras o direito ao desenvolvimento e o bem-estar da população em geral. No relatório Nosso Futuro Comum de 1987, define desenvolvimento sustentável como “o desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades”. Segundo Ligia Maria Costa (2009) o desenvolvimento sustentável:

Baseia-se em três linhas distintas, aspectos humanos, ambiental e socioeconômicos, que convergem para o mesmo ponto comum, como para o vértice de um triângulo. A ideia central é que a humanidade tenha como destino o desenvolvimento, rumo a melhores condições de vida e melhores condições de bem-estar para todos, tanto do ponto de vista socioeconômico quanto humano e ambiental.

Estas discussões tiveram início em 1972 com a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, conhecida Conferência de Estocolmo, a qual teve intenção de tratar questões relacionadas a degradação do meio ambiente. De tal modo, que se voltaram para a relação do homem com o meio em que vive, entendo que, o homem é ao mesmo

tempo obra e construtor do meio ambiente que o cerca, o qual lhe dá sustento material e lhe oferece oportunidade para o desenvolvimento intelectual, moral e social. Em seu desenvolvimento científico e tecnológico o homem adquiriu o poder de transformar tudo que o cerca. Os dois aspectos do meio ambiente humano, o natural e o artificial, são essenciais para o bem-estar do homem e para o gozo dos direitos humanos fundamentais, inclusive o direito à vida (CONFERENCIA DE ESTOCOLMO, 1972). A proteção do meio ambiente humano é uma questão fundamental que afeta o bem-estar das pessoas e o desenvolvimento econômico do mundo inteiro. Desta maneira, entende-se que o bem-estar é uma preocupação mundial e buscada por todos.

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e o Desenvolvimento ficou conhecida como Rio 92, a qual ocorreu em 1992, onde líderes de mais de 100 países concordaram em promover o desenvolvimento sustentável, com foco na população e proteção do meio ambiente. Adotando assim, a Agenda 21, a primeira carta em escala mundial. Após 20 anos, os líderes voltaram a cidade do Rio de Janeiro para renovar o compromisso global com o desenvolvimento sustentável, onde surgiu novos objetivos declarados na Agenda 2030 (AGENDA 2030).

Foram desenvolvidos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que são integrados e indivisíveis, e mesclam de forma equilibrada as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a economia, social e ambiental. Funcionam como uma lista de tarefas a serem cumpridas pelos governos, sociedade civil, setores privados e a própria população afim de construir um desenvolvimento sustentável (AGENDA 2030). O bem-estar faz parte do ODS, sendo o terceiro item da lista, Saúde e Bem-estar, que traz como título “Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar, para todas e todos, em todas as idades”.



Figura 1: 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável. Fonte: Plataforma Agenda 2030.

O significado de bem-estar está relacionado diretamente ao estado do indivíduo. Bem-estar é um conjunto de práticas que engloba uma boa nutrição, atividade física, bons

relacionamentos interpessoais, familiares e sociais, além de controle do estresse. Pode-se assim dizer que bem-estar significa a saúde no seu sentido mais amplo, de maneira ativa e em todos os seus aspectos.

O termo "bem-estar" aparece pela primeira vez, no século XVI, para designar a satisfação de necessidades físicas, enquanto que no século XVIII, ele refere-se à situação material que permite satisfazer as necessidades da existência. Este termo está diretamente ligado à saúde, onde a Organização Mundial da Saúde define saúde não apenas como ausência de problemas de saúde, mas como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social”. Por isso, interpretamos “bem-estar” para incluir fatores sociais, psicológicos e físicos (WHEELER, HUGGETT e ALKER, 2016). (a) Bem-estar físico é a condição global do corpo em relação a patologias e ao vigor físico, ou seja, é a ausência de doenças associada a um bom funcionamento do metabolismo, ou seja, o funcionamento ideal do nosso corpo. (b) Bem-estar mental é o equilíbrio emocional entre o interno e as vivências externas, ou seja, é estar bem consigo e com os outros, aceitar as exigências da vida, saber lidar com todos os tipos de emoções, vivendo a vida na sua plenitude, respeitando o legal e o outro. O bem-estar mental é muito mais do que apenas a ausência de doença mental: engloba questões positivas como paz de espírito, contentamento, confiança e conexão social. (c) Bem-estar social é determinado pela força dos relacionamentos de um indivíduo e pela maneira como eles funcionam em sua comunidade.

É importante notar que a saúde e o bem-estar são influenciados por uma combinação complexa de fatores genéticos, comportamentais e ambientais. O ambiente construído e os profissionais que trabalham nesse setor não têm influência sobre todos esses fatores, mas desempenham um papel crucial. A qualidade do espaço construído e a forma com que ele permite adaptações e transformações de acordo com a necessidade dos seus usuários pode e deve permitir o bem-estar destes.

O governo britânico estabeleceu o que chamaram de 5W a partir de evidências analisadas na vida da população britânica. Esses 5W são ações acessíveis para o indivíduo melhorar seu bem-estar pessoal. Ou seja, ações comportamentais que podem ser utilizadas por comunidades, organizações e poderes políticos para ajudar, apoiar e melhorar a qualidade de vida dos indivíduos (AKED e THOMPSON, 2011). A abordagem 5W foi adotada internacionalmente como intervenções “downstream” (nível individual) e/ou “upstream” (nível de ambiente). Intervenções “downstream” consiste em motivar os indivíduos a fazerem mudanças por sua própria vontade, enquanto intervenções “upstream” é sobre o mudar o ambiente em que os comportamentos se desenvolvem, podendo assim, promover novas alternativas (AKED e THOMPSON, 2011).

Assim, nesta pesquisa foi adotar esse método como forma de avaliar e analisar o bem-estar do usuário dentro da unidade habitacional, entendendo que o ambiente construído interfere nos comportamentos dos indivíduos (intervenções “upstream”). São estes os 5W: (i) Estar conectado: Com as pessoas ao seu redor. Com a família, amigos, colegas e vizinhos. Em casa, no trabalho, na escola ou na sua comunidade local. Imagine que estes são os pilares da sua vida e investem tempo no seu desenvolvimento. Construir essas

conexões irá apoiar e enriquecer você todos os dias. (ii) Ser ativo: Ir para uma caminhada ou correr. Pisar fora passear ao ar livre. Andar de bicicleta. Jogar. Dança. O exercício faz você se sentir bem. Mais importante ainda, descubra um tipo de atividade física que você goste e que se adapte ao seu nível de mobilidade. (iii) Tomar Conhecimento: Ser curioso. Se conhecer. Comente sobre o incomum. Observe as mudanças das estações. Saborear o momento, se você está caminhando para o trabalho, almoçando e conversando com amigos. Esteja ciente do mundo ao seu redor e o que você está sentindo. Refletir sobre suas experiências ajudará você. Aprecie o que é importante para você. (iv) Continue aprendendo: Tente algo novo. Redescubra um interesse antigo. Inscreva-se em curso. Assuma uma responsabilidade diferente no trabalho. Conserte uma bicicleta. Aprenda a tocar um instrumento ou como cozinhar sua comida favorita. Defina um desafio que você irá desfrutar alcançar. Aprender coisas novas vai torná-lo mais confiante, além de se divertir. (v) Doar: Faça algo legal para um amigo ou um estranho. Agradeça a alguém. Sorria. Voluntarie-se no seu tempo livre. Participe de um grupo da comunidade. Olhe para fora, assim como para si mesmo. Ligar-se à comunidade em geral, pode ser incrivelmente gratificante e cria conexões com as pessoas ao seu redor.

3. Relação do Bem-Estar e o Ambiente Construído em Habitação de Interesse Social a partir da análise do Five Ways.

Para melhor esclarecer essa relação do bem-estar, a partir dos 5W, no ambiente construído na pesquisa que está em desenvolvimento, foram usados alguns dados coletados pela pesquisa, anteriormente desenvolvida, intitulada [RESAPO_parte1] Método de Análise da resiliência e adaptabilidade em conjuntos habitacionais sociais através da avaliação pós-ocupação e coprodução, desenvolvida nos anos de 2016 e 2017, a partir da parceria entre duas instituições: [MORA] Pesquisa em Habitação da FAUeD/UFU e [People, Environment and Performance] da SSoA da Universidade de Sheffield- TUoS.

Para coleta de dados foram aplicadas técnicas de APO e Coprodução em um empreendimento de HIS. A análise centrou-se na capacidade adaptativa do ambiente construído no atendimento às necessidades dos moradores e os impactos ambientais decorrentes dessas transformações. A avaliação teve focos os aspectos socioeconômicos, funcionais, comportamentais e ambientais e visando buscar uma melhor operação de metodologia o trabalho foi dividido em 5 partes: (i) características gerais; (ii) dados sociais, demográficos e econômicos; (iii) inserção urbana; (iv) comércio e serviços; (v) unidade habitacional. Foram aplicados questionários em quarenta casas de um loteamento de 200 unidades, contabilizando 20% de toda a comunidade.

O empreendimento está situado no Bairro Shopping Park, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Localizado na região sul da cidade, o bairro integrado é composto pelos seguintes residenciais: Parque dos Ipês, Shopping Park I, e II, Gávea Sul, Parque dos Jacarandás I e II, Residencial Xingu, Tapajós, Sucesso Brasil, Vitória Brasil, Villa Real e Villa Nueva (Figura 2). A área estudada na pesquisa compreendeu o loteamento Sucesso Brasil. Este loteamento cumpre as diretrizes estabelecidas para Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), com 200m² de área nas dimensões de 8 por 25m. O

empreendimento apresenta hoje uma vasta lista de problemas construtivos, ambientais e sociais.

O programa MCMV estabelece duas tipologias de construção: casa térrea com 32m² e apartamento com 42m² de área útil. Definindo assim, uma planta básica, bem como o sistema construtivo a ser usado, os materiais e revestimentos. A tipologia com a qual foi desenvolvida a pesquisa [RESAPO 1] foi a do tipo casa térrea (Figura 3).

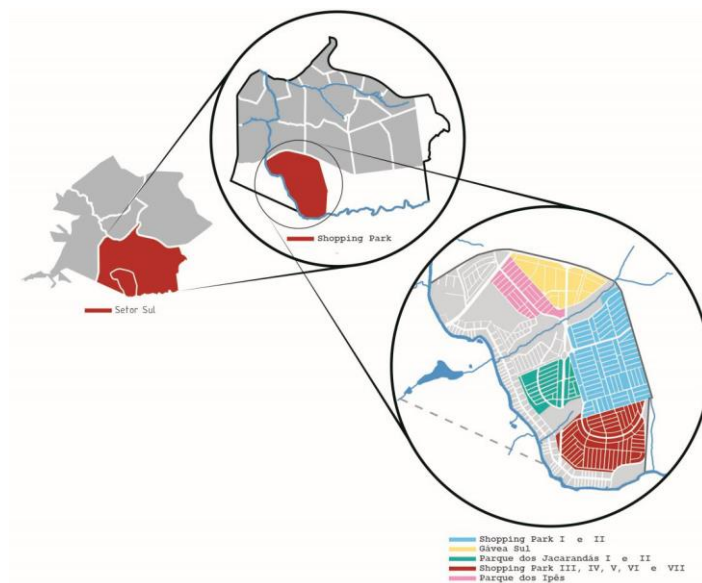


Figura 2: Localização e Divisão dos Loteamentos. Fonte: VILLA, S. B.; et al, 2017.

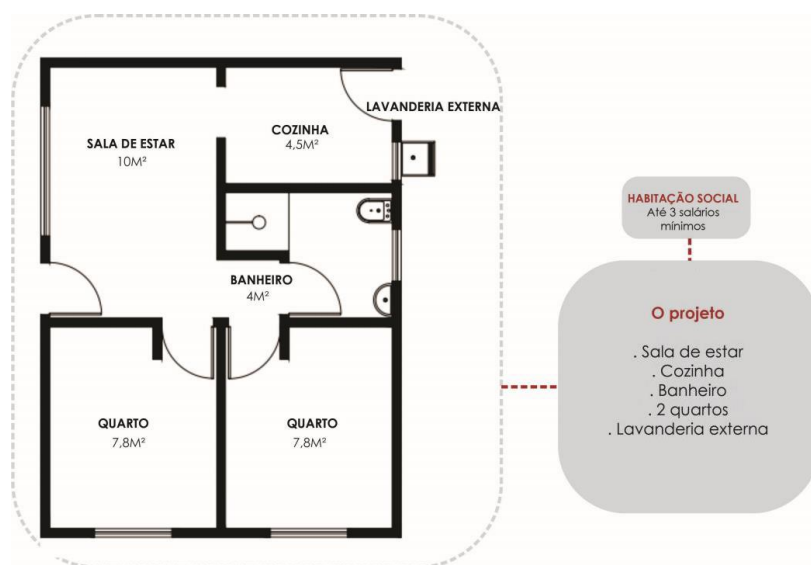


Figura 3: Tipologia da Unidade Habitacional Fonte: VILLA, S. B.; et al, 2017.

Por meio das análises desenvolvidas na pesquisa foi aferido que a área útil das habitações entregues possuía área interna de 33,42m². O conjunto habitacional é

caracterizado por residências geminadas (figura 4) separadas por uma parede compartilhadas entre os quartos das casas e que não supera o forro em altura, ocasionando o desconforto acústico e falta de privacidade, sendo o principal problema relatado pelos moradores (82%) (figura 5).



Figura 4: Fachada e Implantação das Unidades Geminadas. Fonte: VILLA, S. B.; et al.,2017.

Esse problema de acústica está ligado diretamente a alguns indicadores dos 5W – Conectar, Continuar Aprendendo e Tomar Conhecimento - uma vez que os ruídos podem atrapalhar na relação social com os vizinhos e na privacidade do morador impedindo suas atividades de concentração e autoconhecimento.

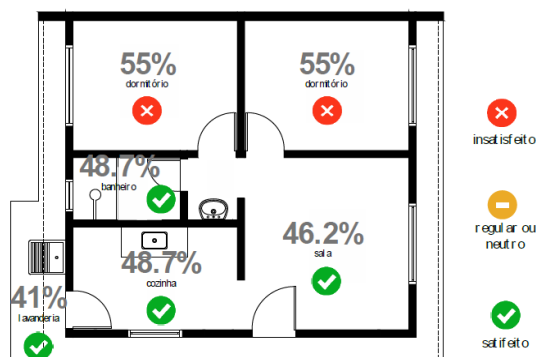


Figura 5: Acústica dos cômodos. Fonte: VILLA, S. B.; et al.,2017.

O PMCMV apresenta regras bastante restritas quanto a compartimentação e dimensionamento dos ambientes, em razão de o programa ter como parâmetro de família a nuclear tradicional (pai, mãe e dois filhos), limitando assim as dimensões mínimas necessárias para disposições de móveis e atividades desenvolvidas pelos moradores. Esse fato gera uma insatisfação por parte dos moradores (42,5%), o que pode prejudicar diretamente o bem-estar do usuário, já que os ambientes não atendem as suas reais necessidades, uma vez que existem variados perfis de famílias (figura 6).

É possível identificar contradição quanto a satisfações do usuário em relação a habitação entregue, onde os dados coletados demonstram grande satisfação com o tamanho

do ambiente da sala (figura 6), mas ao analisar os dados dos ambientes com intenção de alteração, a sala é o cômodo com maior índice de modificação e não os quartos (figura 11), onde os dados mostram índices de insatisfação elevados. Deste modo pode-se chegar à conclusão de uma falsa noção de bem-estar e satisfação com a unidade entregue, não atendendo de forma eficaz as necessidades dos usuários.

O tamanho reduzido dos cômodos limita a convivência e bom desempenho das atividades, uma vez que não há espaço suficiente para todos e a circulação é inviável devido à disposição dos móveis (VILLA, S. B.; et al.,2017). O que acaba prejudicando as relações familiares, que está ligada a um dos indicadores dos 5W, à medida em que começa apresentar sobreposição de atividades nos ambientes, ou seja, desenvolvimento de atividades diferentes em um mesmo ambiente e períodos iguais. Um exemplo seria: no mesmo ambiente em que um morador quer estudar e requer um ambiente silencioso, um outro morador está desenvolvendo uma atividade que gera ruídos. A partir desta análise esse tipo de sobreposição de atividades interfere diretamente no indicador Conectar do 5W, desenvolvendo um ambiente estressante e com pouca conexão entre os moradores (família).

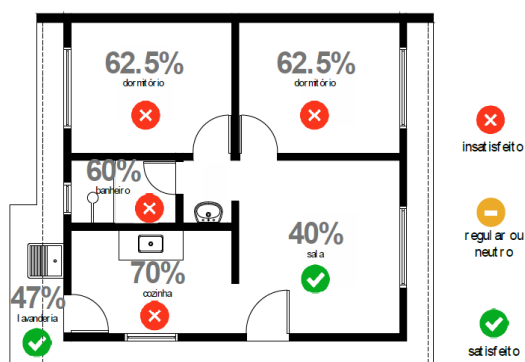


Figura 6: Satisfação com o tamanho dos cômodos. Fonte: VILLA, S. B.; et al.,2017.

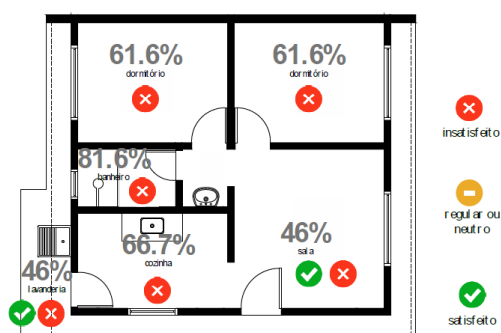


Figura 7: Satisfação quanto a organização dos móveis no ambiente. Fonte: VILLA, S. B.; et al.,2017.

Os moradores que desenvolvem atividades de trabalho e estudo (figura 9 e figura 10) em casa se mostraram insatisfeitos quanta a disposição dos ambientes, pois os mesmos não comportam eficientemente essas ações, prejudicando assim o indicador Continuar Aprendendo dos 5W.

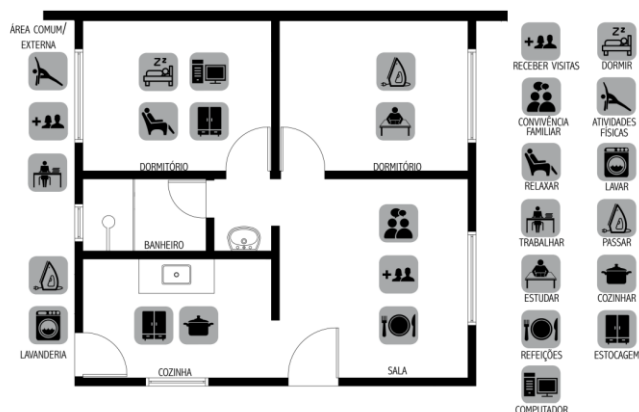


Figura 8: Tipo de atividades Realizadas em cada ambiente. Fonte: VILLA, S. B.; et al.,2017.



Figura 9: Desenvolvimento de atividades estudo. Fonte: VILLA, S. B.; et al.,2017.

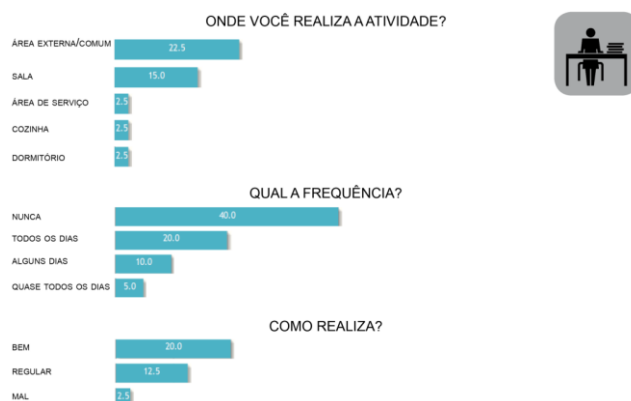


Figura 10: Desenvolvimento de atividade trabalho. Fonte: VILLA, S. B.; et al.,2017.

Também se observa que, objetivando o atendimento às suas necessidades, os moradores realizam algum tipo de modificação e/ou melhorias (figura 11) utilizando recursos próprios e cientes da possibilidade de perda da garantia do imóvel, já que essas reformas são feitas sem a assistência técnica especializadas (VILLA, S. B.; et al.,2017). Essa autoconstrução e a ausência de planejamento interfere no conforto e salubridade, tendo em vista que o desperdício de material e geração de rejeitos que acabam sendo despejados nas calçadas, ruas, lotes vagos, entre outros (figura 12).

Esse tipo de ação pode interferir diretamente no indicador dos 5W - Conectar, uma vez que o acúmulo de rejeitos de construção civil além de prejudicar a saúde, higiene e estética, pode ocasionar problemas de convivência na vizinhança. O problema com o acúmulo de rejeitos também interfere no indicador - Tomar Conhecimento - dos 5W, que está relacionado a ações que o morador desenvolve para se conectar ao seu redor, ao meio ambiente e à natureza. Uma vez que o ambiente não oferece qualidade (acúmulo de lixo) e até mesmo qualidade estética o usuário não desenvolve sentimentos de pertencimento e identidade com o local.

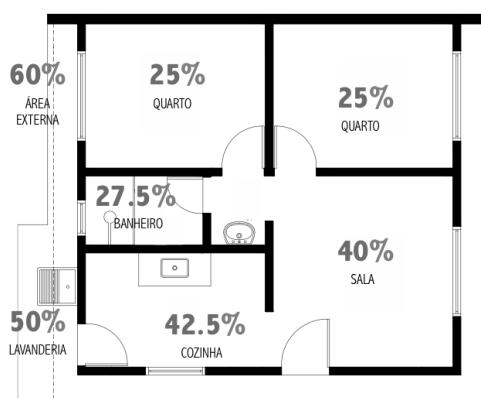


Figura 11: Incidência de modificação por cômodo. Fonte: VILLA, S. B.; et al.,2017.



Figura 12: Rejeitos de Construção Civil nas Calçadas. Fonte: VILLA, S. B.; et al.,2017.

Outros problemas identificados estão relacionados a forma de implantação do loteamento que apresenta ruas muito longas e íngremes, falta de continuidade de ciclovias e/ou ciclofaixas, não favorecendo assim o deslocamento com bicicletas. Além de apresentarem calçadas estreitas, irregulares, quebradas e sem manutenção que não comportam arborização adequada para sombreamento (figura 13). Desta forma, as ruas e calçadas não favorecem o caminhar, nem o convívio com os vizinhos, onde nesta pesquisa a calçada foi identificada como um importante agente de socialização entre moradores, uma vez que são utilizadas como espaço de interação.

Esses problemas estão relacionados com o indicador - ser ativo - dos 5W, pois prejudicam o desenvolvimento de atividades físicas, como o caminhar e andar de bicicleta. Esses fatores interferem também no indicador conectar já que a falta de estrutura adequada

das calçadas não permite sua utilização pelos moradores para desenvolverem suas relações sociais. A falta de arborização pode prejudicar tanto o caminhar agradável como o sentimento de se conectar a natureza (ser ativo e tomar conhecimento).

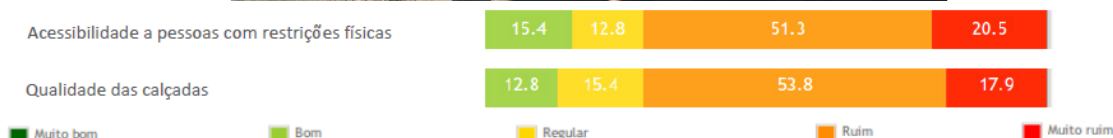


Figura 13: Fotos do estado das calçadas e Gráfico sobre a qualidade das calçadas.

Fonte: VILLA, S.; et al.,2017.

4. Considerações finais

É possível notar a partir desses resultados coletados pela pesquisa [RESAPO_1] que mesmo frente as suas limitações os moradores acabam adaptando-se e realizando modificações nos ambientes em busca de melhorar o seu bem-estar. Porém, é notável também, que nem sempre suas necessidades são satisfeitas após tais modificações, ocasionando assim, novos problemas devido à realização de intervenções sem assistência técnica qualificada. Além de ser mostrado que o ambiente construído das unidades habitacionais não permite de forma satisfatória o desenvolvimento dos indicadores dos 5W geradores de bem-estar. Entendendo assim, que o ambiente construído interfere diretamente no bem-estar de seus moradores, proporcionar ambientes de qualidade que possibilitam o desenvolvimento das necessidades básicas dos usuários de forma positiva são essenciais para o aumento da sensação de bem-estar dos moradores na busca de um desenvolvimento sustentável.

Referências

AKED, J.; et al. *Five ways to wellbeing: The evidence*. October 2008. Disponível em: <<https://neweconomics.org/2008/10/five-ways-to-wellbeing-the-evidence>>. Acesso em 05/11/2018.

AKED, J.; THOMPSON, S. ‘*Five ways to wellbeing: New applications, new ways of thinking*’, in which this project features as a ‘case study’. July 2011. Disponível em: <<https://neweconomics.org/2011/07/five-ways-well-new-applications-new-ways-thinking>>. Acesso em 05/11/2018.

AMORE, C. S.; SHIMBO, L. Z.; RUFINO, M. B. (Org) *Avaliação do Programa Minha Casa Minha Vida em seis estados brasileiros*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

ANDERSON, J.; et al. *Lively Social Space, Well-Being Activity, and Urban Design: Findings From a Low-Cost Community-Led Public Space Intervention*. SAGE Publications. Inglaterra, 2016.

ANGÉLIL, M.; HEHL, R. (Ed.) *Minha Casa-Nossa Cidade: Innovating Mass Housing In Brazil*. ETH Zurich, MAS Urban Design, Ruby Press: Berlin, 2014.

COSTA, L. M.; *Direito internacional do desenvolvimento sustentável e os códigos de conduta de responsabilidade social: análise do setor de gás e petróleo*. Curitiba: Juruá, 2009.

MAGUIRE, B. e CARTWRIGHT, S. *Assessing a community's capacity to manage change: A resilience approach to social assessment*. Canberra: Australian Government Bureau of Rural Sciences. 2008.

Organização das Nações Unidas. *Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento: Plataforma da Agenda 2030*. Disponível em: <<http://www.agenda2030.com.br/>> Acesso em: 25/01/2019.

ORNSTEIN, S. W. *Arquitetura, Urbanismo e Psicologia Ambiental: uma reflexão sobre dilemas e possibilidades da atuação integrada*. São Paulo: Revista Psicologia USP: Editora da Universidade de São Paulo, v. 16 (1/2), 2005, p. 155-165.

Royal Melbourne Hospital Foundation. *Five Ways to Wellbeing*. Disponível em: <<https://5waystowellbeing.org.au/>>. Acesso em 05/11/2018.

VILLA, S. B.; et al. *Método de análise da resiliência e adaptabilidade em conjuntos habitacionais sociais através da avaliação pós-ocupação e coprodução*. Relatório Final De Pesquisa: Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia; Universidade de Sheffield, 2017.

VILLA, S. B.; ORNSTEIN, S. W. (Org.) *Qualidade ambiental na habitação: avaliação pós-ocupação*. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. p.359-378.

VILLA, S. B.; SARAMAGO, R. C. P.; GARCIA, L. C. *Avaliação Pós-Ocupação no Programa Minha Casa Minha Vida: uma experiência metodológica*. 1. ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2015. v. 1. 152p.

WHEELER, J.; HUGGETT, E.; ALKER, J. *Health and Wellbeing in Homes*. UK Green Building Council and The Building Center. Inglaterra, 2016.